

Nações, nacionalismos: ontem, hoje (e depois?)

EMANUEL FREITAS DA SILVA

MONALISA LIMA TORRES

RESENHA: BIEBER, Florian. **Nações e nacionalismos:** uma história global do sentimento nacional, dos extremismos e dos conflitos. São Paulo: Editora Contexto, 2023.

“Levar a sério a nação e o nacionalismo e não os descartar como conceito passageiro ou atrasado é imperativo para estudos acadêmicos” (BIEBER, 2023, p. 261). Estas palavras compõem parte das “Conclusões” do livro “Nações e nacionalismos: uma história global do sentimento nacional, dos extremismos e dos conflitos”, publicado pela Editora Contexto neste ano de 2023. É a primeira obra do historiador e cientista político Florian Bieber, nascido em 1973, que preside o Centro de Estudos do Sudoeste Europeu da Universidade de Graz e que tem se dedicado a estudos em torno do nacionalismo, dos conflitos *inter* e *intranacionais* – com destaque para a temática dos Balcãs –, das identidades e dos autoritarismos que emergem nas novas formas de populismo (todas essas questões, aliás, são trabalhadas na obra que apresentamos aqui).

A proposta do livro, seja pela formação do autor ou por aquilo que está presente em seu subtítulo, é a de apresentar uma “história global” do que tem sido o nacionalismo, desde seus primórdios, entendidos como os acontecimentos que sucederam as revoluções

EMANUEL FREITAS DA SILVA

Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Professor Adjunto de Teoria Política e dos Programas de Pós-Graduação em Sociologia e em Políticas Públicas da Universidade Estadual do Ceará. Bolsista de Produtividade (BPI/FUNCAP). E-mail: emanuel.freitas@uece.br

MONALISA LIMA TORRES

Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Professora de Teoria Política da Universidade Estadual do Ceará e pesquisadora no Laboratório de Estudos sobre Política, Eleições e Mídia da Universidade Federal do Ceará. E-mail: monalisa.torres@uece.br

burguesas na Europa, até os nossos dias, com o surgimento de movimentos políticos de manipulação autoritária e excludente de identidades nacionais. Assim, o autor nos dá uma certeza: apesar dos diagnósticos contrários esboçados por diversas teorias, inclusive historiográficas, das últimas décadas do século XX, a nação continua “de pé” e, com ela, os nacionalismos.

Em suas próprias palavras,

Fala-se em relações internacionais, *Nações Unidas*, *nação* para descrever um Estado ou sobre *nacionalidade* de alguém. Esses termos, incluindo a antecessora da ONU, a Liga das *Nações*, [...] as muitas maneiras que a palavra “nação” e seus símbolos nos são colocadas cotidianamente (de competições esportivas a notícias, de comidas “étnicas” a propagandas turísticas) destacam a onipresença das nações ao nosso redor (BIEBER, 2023, p. 11, grifos do autor).

A utilização ampliada da palavra e do sentimento por ela produzido, ou que é dela produtor (a “nação”) – pois em nosso tempo não são poucos os que não se assumiriam como “nacionalistas” – é explicitada pelo autor nos termos que descreveremos, brevemente, mais à frente. Como historiador que é, ele compreende o fenômeno do nacionalismo com olhos no passado e a mente nas formas contemporâneas de expressão, não deixando de tecer considerações sobre os modos como a extrema direita manipula o fenômeno para seus objetivos de exclusão, autoritarismo e violência. Isso é possível, nos lembra Bieber, porque, como “sentimento” que diz respeito a mecanismos de “proximidade” e “cooperação” entre os diversos membros de uma nação, o nacionalismo “é capaz de coexistir com ideias políticas que vão do comunismo ao liberalismo e ao conservadorismo” (BIEBER, 2023, p. 15). Haveria, portanto, “nacionalismos”, “questões nacionais” e, se quisermos abusar da redundância, “nações”, tudo isso no plural, dentro de uma mesma nação se considerarmos a ideologia a manipular – no melhor sentido do termo – tal sentimento.

A “nação” emerge em sua obra como um processo político produzido, e produtor, de uma determinação daqueles que participam, e podem participar, de uma comunidade política

compartilhada. Manifesta-se como uma ficção estabelecida por um acordo entre membros de uma comunidade que participam e que julgam pertencer a uma mesma nação. Tal sentimento de pertença se produz por marcadores subjetivos e, sobretudo, por marcadores objetivos, dentre os quais o autor destaca a língua, as histórias de linhagem familiar e parentesco, as origens, a religião dentre outros elementos, todos costurados, em nosso tempo, com a presença marcante, mas não determinante, do Estado. Isso, inclusive, faz com que se confunda nação com Estado.

Segundo Bieber, nacionalismo é

uma ideologia maleável que valoriza mais a identidade nacional do que outras identidades como gênero, ideologia política, grupo socioeconômico, região. O nacionalismo busca diferenciar uma nação de outras e priorizar a representação política por meio da identidade nacional (BIEBER, 2023, p. 22).

Ou seja, o nacionalismo não é um fenômeno único, ao contrário, é mutável e circunstancial e, como ideologia, já que funciona como instrumento de/para mobilização política, suplanta as diferenças sociais a partir de uma identidade nacional, que precisa ser construída e aceita coletivamente. Não existiria nosso mundo tal como o conhecemos se este não fosse estruturado a partir de “nações”.

Bieber destaca que no interior de um mesmo território é possível a existência de nacionalismos conflitantes, relacionados a ideologias políticas diferentes ou correntes de ideias (tais como conservadorismo, comunismo, racismo, etc.) e disputando a legitimidade para definir a nação através de suas lentes. Essas distinções também incorporam perspectivas inclusivas ou exclusivas, ou seja, a maneira como a comunidade é delimitada, incluindo ou excluindo membros. Assim, uma distinção importante apresentada no livro é a que opõe *nacionalismo cívico* a *nacionalismo étnico*. No primeiro tipo, a cidadania é o critério definidor da nacionalidade. Essa tipologia, mais inclusiva, entende que “todos os cidadãos são membros da nação”. No segundo tipo, de caráter excludente, considera-se a ascendência, ou seja, são membros da comunidade apenas aqueles nascidos nela.

Considerando o nacionalismo como uma ideologia mutante, Bieber o categoriza a partir de dois eixos: o eixo inclusão/exclusão e o eixo latente/virulento. A combinação desses eixos permite dar conta das múltiplas expressões do nacionalismo tanto no seu viés latente, que pode ser inclusivo, descrito como patriotismo, ou exclusivo, quanto na sua expressão virulenta, que também pode ser inclusivo ou exclusivo (emulado pelos partidos de extrema direita e conflitos étnicos).

Além da “Apresentação”, que fornece uma série de questões de suma importância para os(as) estudiosos(as) das questões nacionais, o livro se divide em sete capítulos que, numa linguagem acadêmica mas sem esoterismos que dificultariam sua compreensão por um público mais amplo, nos apresentam um importante panorama da problemática da nação. São eles: “Os primórdios do nacionalismo e das nações”, “A disseminação do nacionalismo e dos Estados-nações na Europa”, “A disseminação global do nacionalismo e a descolonização”, “O nacionalismo após o estabelecimento do Estado-nação”, “Conflito étnico”, “A migração e as políticas da diversidade” e “O novo nacionalismo e o populismo”.

A leitura do livro nos põe, logo de início, diante de uma importante classificação elaborada pelo autor: nacionalismo latente e nacionalismo virulento. Como o nome sugere, o primeiro é difícil de perceber, mas, pela sua essência, é fundamento de qualquer sociedade e condição para “normalizar a nação”, por isso, facilmente confundido com “patriotismo”. O segundo tipo, de caráter revolucionário, pretende “reafirmar as vontades de uma comunidade imaginada sobre um espaço político”.

Em oposição a teses que defendem o surgimento da nação antes da Modernidade – primordialismo –, Bieber defende o argumento de que o nacionalismo é um fenômeno moderno e que se relaciona com a lógica do globalismo. Assim, ainda que houvesse agrupamentos humanos formados a partir de compartilhamento de língua, território, religião, etc., e que funcionassem como elos de coesão na produção de uma identidade coletiva, não se pode falar, ainda aí, de um suposto protonacionalismo. Nacionalismo é um fenômeno decorrente dos Estados modernos, que são uma forma de organização política muito particular, diferente dos

modelos que o antecederam. Embora não se confunda com o Estado moderno, a nação não prescinde dele.

As mais diversas temáticas surgem diante do(a) leitor(a) ao longo da imprescindível leitura do texto: o papel desempenhado por mitos e mitologias, mesmo seculares, na construção das nações, sobretudo com a manipulação da ideia de “origens”; o lugar da ideia de nação na organização cotidiana da vida dos sujeitos, sobretudo por meio da educação universalizante, da alfabetização e das interações entre os cidadãos; o lugar do idioma nacional e da religião na construção das nações; o surgimento histórico das nações com as Revoluções Americana e Francesa e seu êxito após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918); o aparecimento da ideia de cidadania e do direito do povo de se governar, sobretudo por meio da decisão eleitoral; os choques imperialistas europeus com o “novo mundo” na era da expansão colonial; as relações entre biologicismo e sentimento nacional (e a consequente ideia de “pureza racial”); as questões em torno dos processos de descolonização no começo do século XX; o mundo árabe e as tensões com o nacionalismo europeu; os problemas dos migrantes, entre outras problemáticas.

Para nós, sem dúvida alguma, o capítulo “O novo nacionalismo e o populismo” guarda uma importância particular, sem que com isso queiramos sinalizá-lo como “o mais importante” ou algo parecido. É que, como o próprio título sugere, o capítulo toca em assuntos mais próximos de nós, naquilo que conhecemos como expressão mais excludente, violenta e virulenta (para usar os termos do autor) do nacionalismo em nosso tempo: a faceta populista-autoritária. Partindo de exemplos concretos (citando os nomes de Donald Trump, Recep Erdogan, Narendra Modi, Marine Le Pen, Vladimir Putin, Jair Bolsonaro, entre outros), Bieber analisa os modos como o populismo tem servido como elo de ligação potente entre nacionalismo e autoritarismo, uma vez que enseja a proliferação de discursos em que “líderes nacionalistas geralmente visam àqueles compatriotas que são membros ‘não confiáveis’ da nação, usando outras nações ou minorias como bodes expiatórios” (BIEBER, 2023, p. 239). Aliada ao extremismo religioso, que visa produzir uma identidade nacional universalizante (cristãos ou

mulçumanos na França, maioria cristã ou minorias, no Brasil, etc.), com pretensões autoritárias de instalação de regimes conservadores e repressivos (que se voltam, sobremaneira, contra políticas de amparo a “minorias” sexuais, étnicas e religiosas, assunto abordado em capítulo anterior), a força política produzida pela tríade populismo-nacionalismo-autoritarismo advém da atua terceira onda da democracia (que diz respeito à disseminação dos regimes democráticos no sul da Europa e na América Latina, chegando à Ásia e à África entre os anos 19810 e 1990), quando, segundo o autor, “ficou claro que a democracia não estabeleceria raízes em muitos países com a facilidade com que os otimistas esperavam” (BIEBER, 2023, p. 240). Isso fez com que a democracia formal se combinasse “com vários tipos de restrições autoritárias”, dando origem a regimes de “autoritarismo competitivo”, sendo tais países alvos fáceis de nacionalismos virulentos, tais como os que assistimos em nossos dias. Dando origem a líderes tidos como “nacionalistas” que se arvoram no direito de falar, somente eles, “em nome do povo” que é entendido como o conjunto de seus seguidores/eleitores – os “brasileiros” seriam, para Bolsonaro, aqueles que o seguiam e nele votaram, sendo estes transformados em “cidadãos de bem” e “patriotas”, como vimos em diversas situações durante seu mandato presidencial.

Contudo, importa aqui registrar uma admoestação do autor:

Os líderes nacionalistas muitas vezes dizem falar em nome da nação, mas isso não significa que tenham o apoio da maioria de seu suposto público. Embora os populistas etnonacionalistas, como podem ser chamados, afirmem ter legitimidade com base em uma nação excludente, [...] sua base de apoio é consideravelmente mais estreita e muitas vezes motivada por considerações que vão além do que sugerem suas afirmações. Portanto, o sucesso eleitoral de políticos com antecedentes nacionalistas não é automaticamente uma medida do sentimento nacionalista. Muitas vezes, é uma estratégia de legitimação (BIEBER, 2023, p. 244).

Se é em momentos de crise que o nacionalismo virulento encontra solo fértil, foi no desgaste do sistema de freios e

contrapesos que se observou a fusão entre nacionalismo excludente e populismo abrindo espaço para populistas de extrema-direita, como Orban, Trump e Bolsonaro, por exemplo. No entanto, como alerta o autor, essas maiorias estreitas, que legitimaram a vitória dessas figuras, não representam necessariamente o sentimento geral dos cidadãos. Há que se considerar que, nesses casos, conjunturas específicas de crise de legitimidade e econômica e a fragilidade dos adversários políticos concorreram para o sucesso eleitoral desses líderes.

Além dos capítulos, dois outros instrumentos formais se destacam no texto para auxiliar a produção do conhecimento da “história global” das nações no livro. O primeiro deles, constitui-se como um conjunto de “quadros” espalhados pelos capítulos com diversos documentos históricos – desde textos de Emmanuel-Joseph Sieyès (1748-1836), passando por discursos de Johann Fichte (1762-1814) e de Benito Mussolini (1883-1945) e trechos da Marselhesa, até chegar a discursos nacionalistas de Donald Trump e de Marine Le Pen –, que ilustram questões trabalhadas em cada um dos capítulos onde tais quadros aparecem. O segundo deles consiste numa espécie de anexo intitulado “Leituras complementares e um guia para debates fundamentais”, onde o autor lista uma série de outros intelectuais que seriam referências para os estudos sobre o nacionalismo, alguns dos quais já conhecidos por pesquisadores e pesquisadoras de tal temática: Ernest Renan, Max Weber, Eric Hobsbawm, Ernest Gellner, Benedict Anderson, Michael Mann, Edward Said, Homi Bhabha, Nira Yuval-Davis, entre outros. A sugestão de tais nomes, junto a tudo o que escreve no livro, faz com que o autor cumpra à risca aquilo que enuncia no final de sua “Introdução”: que a obra tem como objetivo *“descrever o surgimento e a disseminação das nações e do nacionalismo, apresentar uma perspectiva global e destacar alguns dos debates mais importantes”* (BIEBER, 2023, p. 32, grifo nosso).

Fica, pois, o registro de nossas letras acerca dessa obra primorosa. O(a) leitor(a) tem agora a tarefa de pôr-se a ler, com o esmero e a argúcia daqueles(as) que se aventuram pela compreensão dos diversos sentimentos nacionais, dos nacionalismos, das nações, elaborando, eles(as) mesmos(as), sua parte no registro

dessa “*história global do sentimento nacional, dos extremismos e dos conflitos*”. Assim, quem nos lê pôr-se-á em condições de responder à questão presente em nosso subtítulo: “*e depois?*”, o que serão a nação e o nacionalismo?

REFERÊNCIA

BIEBER, Florian. **Nações e nacionalismos**: uma história global do sentimento nacional, dos extremismos e dos conflitos. São Paulo: Editora Contexto, 2023.